

Regina Zilberman e Zilá Bernd (Orgs.)
**O VIAJANTE TRANSCULTURAL: leituras da obra de
Moacyr Scliar**
Literatura Brasileira/Grandes Autores, n.º 1
2004, 224p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 - Porto Alegre - RS/BRASIL
www.pucrs.br/edipucrs/
E-mail edipucrs@pucrs.br
Fone/Fax: (51) 3320.3523

As cruciFicções de Eça de Queirós: vozes narrativas em *A relíquia* e “*A morte de Jesus*”

Ian Alexander
PUCRS

Procurar a unidade e a identidade de *A relíquia* é uma tarefa ingrata: o próprio Eça de Queirós, com a sua característica tendência de errar pelo excesso de auto-crítica, admitiu que “a estrutura e composição do livreco são muito defeituosas”, principalmente em relação ao terceiro capítulo, que ele chama “um trambolho, ... uma paráfrase tímida do Evangelho de S. João”.¹ Optando pela supersimplificação, Alberto Machado da Rosa opina que “excluindo o sonho, *A relíquia* é uma novela picaresca do século XIX”,² como se o truque fosse uma simples questão de fechar os olhos às dificuldades. Excluir o sonho seria criar uma obra menos complexa e muito menos rica que aquela que temos: é como dizer que, excluindo a interioridade do protagonista, *Hamlet* é uma simples tragédia de vingança elisabetana.

Alexander Coleman, fazendo uma virtude da necessidade, zomba daqueles leitores que lamentam a falta de “alguma coisa chamada coerência” e descreve a novela como sendo, acima de tudo, “distinta e alegremente divergente”.³ Harold Bloom reconhece as dificuldades estruturais que surgem com a passagem do século XIX para a

¹ QUEIRÓS, José Maria de Eça de. *Correspondência*. Porto: Livraria Chardron, 1925. p. 138.

² ROSA, Alberto Machado da. *Eça, discípulo de Machado?* Lisboa: Presença, 1964. p. 334.

³ COLEMAN, Alexander. *Eça de Queirós and European realism*. New York: New York University Press, 1980. p. 168. No original: “The reasons relate to something called coherence, which many critics found singularly missing from the work. ... it is above all a discrete and happily divergent work.” Como nas outras citações a seguir, a tradução no texto é do presente autor.

época de Jesus, sugerindo que *A reliquia*, “até agora um livro ferozmente cômico, ... sofre uma transformação em algo radicalmente diferente, uma mistura original de farsa com um humanismo perturbado, inquieto com o seu próprio ceticismo”.⁴ O tom misturado descrito aqui reina principalmente nos últimos dois capítulos, mas a diferença realmente radical se aplica somente ao sonho em si, do qual é quase totalmente expurgada a farsa que seria, segundo o seu autor, “o único valor do livresco”.⁵

O leitor que ama *A reliquia* ama principalmente a voz do seu narrador, o gloriosamente hipócrita Teodorico Raposo, portador de uma prosa magnífica e de uma ironia devastadora. Ao descrever o seu primeiro encontro com o doutor alemão Topsisius, Teodorico fala assim:

... ele andava medindo consideradamente com o seu guarda-sol as paredes marciais e monásticas do palácio do grão-mestre.

Persuadido que era um dever espiritual e doutoral, nestas terras do Levante, cheias de história, medir os monumentos da Antiguidade, tirei o meu lenço e fui-o gravemente passeando, esticado como um côvado, sobre as austeras cantarias. Topsisius dardejou-me logo, por cima dos óculos de ouro, um olhar desconfiado e ciumento. Mas, tranqüilizado, decerto, pela minha face jucunda e material, pelas minhas luvas almiscaradas, pelo meu fútil raminho de violetas, ergueu cortesmente de sobre o longo cabelo, corredio e cor de milho, o seu bonezinho de seda preta.⁶

Ninguém e nada escapa às estocadas dessa ignorância límpida e afiada. O narrador entende muito pouco dos deveres do espírito e nada daqueles do intelecto, sendo motivado puramente pela cobiça e pela luxúria, mas ele reconhece perfeitamente o absurdo e o pretenso. É esse jogo de ironias que é o coração do livro: esse equilíbrio perfeito entre o ciúme intelectual de Topsisius e as luvas perfumadas do próprio narrador. Infelizmente, essa voz quase desaparece no sonho em que Teodorico e Topsisius voltam no tempo para presenciar o julgamento de Jesus: fora de alguns raros momentos, principalmente

⁴ BLOOM, Harold. *Genius*. New York: Warner, 2002. p. 665. No original: “Until now a fiercely comic book, *The Relic* undergoes transformation into something radically different, an original blend of farce and troubled humanism, uneasy with its own skepticism.”

⁵ QUEIRÓS, 1925, p. 139.

⁶ QUEIRÓS, José Maria de Eça de. *A reliquia*. Cotia: Ateliê, 2003. p. 112.

envolvendo mulheres, não se sente mais a presença da ironia do Raposo. Em vez de “rir-se dos Judeus e troçar dos Rabis”,⁷ o pseudo-Teodorico do terceiro capítulo fala assim:

Então, com um sombrio murmúrio, todos recuaram, deixando Rabi Robam só no limiar da sala romana. Um brilho de jóia tremia na ponta da sua tiara; as suas cãs caindo sobre os vastos ombros coravam-no de majestade como a neve faz aos montes; as franjas azuis do seu manto solto rojavam nas lajes, em redor. Devagar, sereno, como se explicasse a Lei aos seus discípulos, ergueu a mão e disse...⁸

Inconfundível: como notou o próprio Eça, “falta-lhe ser atravessado por um sopro naturalista d’ironia forte que daria unidade a todo o livro”.⁹ É impossível acreditar que o mesmo Eça de Queirós que escreveu as cenas debochadas que são a glória de *A reliquia* tenha interrompido o seu trabalho inovador para produzir um texto tão plácido, tão lírico, tão respeitoso. Todos os sinais – lógicos, estilísticos e ideológicos – sugerem que esse capítulo tenha sido escrito num momento anterior ao restante do livro, no início da fase madura do escritor, quando o hábito “realista” de observação ainda estava mesclado com crenças mais “românticas”.

Como personagem, Teodorico nada tem em comum com Eliziel, narrador da novela “*A morte de Jesus*”: um jovem bacharel português do século XIX e um judeu contemporâneo de Jesus, “capitão da polícia do templo”, agora “velho e inclinado para a sepultura”,¹⁰ recordando a sua mocidade. Como narrador, porém, o pseudo-Teodorico do terceiro capítulo nada mais parece que uma versão requentada do outro, e é fácil acreditar que o seu sonho – aquele “trambolho” do que Eça se queixou tão logo depois da sua publicação¹¹ – seja uma adaptação de trechos não publicados da obra anterior. Apesar do título, Jesus não morre em “*A morte de Jesus*”: a publicação da novela acabou antes de contar os episódios que são apresentados em *A reliquia*. Não é possível, portanto, confrontar os trata-

⁷ QUEIRÓS, 1925, p. 139.

⁸ QUEIRÓS, 2003, p. 214.

⁹ QUEIRÓS, 1925, p. 138.

¹⁰ QUEIRÓS, José Maria de Eça de. “A morte de Jesus”. In: *Obra completa*, Volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 1436.

¹¹ QUEIRÓS, 1925, p. 138.

mentos do mesmo momento nas duas obras, mas existem muitos elementos em comum que fornecem oportunidades para comparação.

Em ambas as obras, a cidade de Jerusalém é apresentada como um lugar duro e pouco espiritual. Eliziel afirma que “esta Jerusalém áspera, seca, toda de pedra e de indiferença, só fará espíritos estreitos, fariseus argumentadores, escribas e lapidadores de homens”¹²; o pseudo-Teodorico concentra essas mesmas imagens, falando de uma “Jerusalém – onde as pedras eram menos duras que os corações”.¹³ Os dois narradores destacam a imponência da cidadela romana, Eliziel falando da “torre Antônia, que domina o recinto do templo”,¹⁴ e Teodorico da “Torre Antônia, negra, maciça, impenetrável, ... alagando a Cidade Santa”, “ao lado do Templo, mais alto que ele, dominando-o com a severidade de um amo orgulhoso”.¹⁵

As duas obras reproduzem o preconceito evangélico contra os fariseus: compreensível no caso de Teodorico com as suas vagas lembranças da *Bíblia*, mas estranho no caso do doutíssimo Topsisius, pretensamente científico, e mais ainda em Eliziel, contemporâneo de Jesus. Apesar do seu ódio feroz quanto à seita, Eliziel sempre fala bem de Hillel, “líder dos fariseus no período de 50 a 10 A.C.”,¹⁶ que ele chama de “amigo do pobre, anunciador da boa nova”, um daqueles de “altos pensamentos de pureza e de justiça”.¹⁷ Esse efeito irônico na primeira obra não se repete em *A relíquia*, que não demonstra nem a mesma raiva desmedida contra os fariseus, nem tanta doçura quanto ao seu líder Hillel. As duas obras também dão lugar de destaque a um outro fariseu, Gamaliel. Mencionado somente duas vezes no *Novo Testamento*, onde ele é chamado de “fariseu, doutor da lei, respeitado por todo o povo”,¹⁸ não é claro o motivo para a sua presença na obra de Eça de Queirós. Apesar da fúria anti-farisaica de Eliziel, ele chama Gamaliel de “sábio doutor”,¹⁹ dizendo que “se os

outros eram a lei – ele era a justiça”.²⁰ Para Teodorico, ele é, como na *Bíblia*, “doutor da Lei”.²¹ Quanto à originalidade dos ensinamentos de Jesus, Gamaliel mantém a mesma opinião nas duas obras: “ele é bom, justo, mas não diz coisas novas”,²² e “que há de original e de individual em todas essas idéias? ... Tudo isso o pregou Hillel”.²³ Essa mudança desfaz a contradição presente nas opiniões ideológicas de Eliziel: em *A relíquia*, Gamaliel e Hillel não são mais o cúmulo da justiça e a sua seita não é mais descrita com tanto veneno. Pelo que parece, Eça de Queirós aprendeu alguma coisa sobre os fariseus entre 1870 e 1887, remanejando as opiniões dos narradores e dos personagens para suprimir na segunda obra uma ironia indesejada, fruto de engano. Não foi capaz, portanto, de modificar completamente um preconceito tão enraizado no mundo cristão.

É Gamaliel que anuncia aos gentios Teodorico e Topsisius que “vós hoje pertenceis miraculosamente a Israel”,²⁴ dando a eles o direito de entrar no templo. Sendo judeu, Eliziel não teria necessidade de tal intervenção, e a impressão é de uma manobra feita simplesmente para poder usar trechos de texto já existentes, que tratam principalmente dos ritos. Não tem muito motivo para Teodorico ficar relatando, *ad nauseam*, “ao fundo, bois enfeitados de flores, vitelas brancas com os cornos dourados, sacudiam, mugindo e marrando, as cordas que os prendiam a fortes argolas de bronze”, chegando à conclusão que “é um talho!”²⁵; essas descrições cairiam bem melhor da boca de Eliziel, que critica o “culto ensangüentado e hipócrita”²⁶ dos “sacrificadores vestindo os pertuais, para degolar a pomba na rocha sagrada”.²⁷

A oposição que Eliziel estabelece entre o Deus de Jesus e “Jeová, amigo de Israel, inimigo dos homens”²⁸ mais parece reflexo de Renan que um pensamento judaico da época de Jesus. Teodorico faz a mesma distinção entre “o homem de Galiléia, incomparável

¹² QUEIRÓS, 1997, p. 1443.

¹³ QUEIRÓS, 2003, p. 212.

¹⁴ QUEIRÓS, 1997, p. 1437.

¹⁵ QUEIRÓS, 2003, p. 182.

¹⁶ WYLEN, Stephen M. *The Jews in the time of Jesus, an introduction*. New York: Paulist Press, 1996. p. 148. No original: “Hillel the Elder was the leader of the Pharisees around the years 50-10 BCE, during the reign of Herod the Great”.

¹⁷ QUEIRÓS, 1997, p. 1440.

¹⁸ *Novo Testamento*, Embu: Ave-Maria, 1998. Atos v:34.

¹⁹ QUEIRÓS, 1997, p. 1437.

²⁰ QUEIRÓS, 1997, p. 1441.

²¹ QUEIRÓS, 2003, p. 196.

²² QUEIRÓS, 1997, p. 1451.

²³ QUEIRÓS, 2003, p. 196.

²⁴ QUEIRÓS, 2003, p. 237.

²⁵ QUEIRÓS, 2003, p. 242.

²⁶ QUEIRÓS, 1997, p. 1467.

²⁷ QUEIRÓS, 1997, p. 1460.

²⁸ QUEIRÓS, 1997, p. 1444.

amigo dos homens” e a religião do templo: “com os dentes cerrados, mostrei o punho a Jeová e à sua cidadela, e bradei: - Arrasados sejais!”²⁹

Um outro contraste entre “Jeová” e “o Rabi” acontece num contexto estranho. Em “A morte de Jesus”, Eliziel sente “ódio aos mercadores do templo” e se indigna ao ver a casa de Deus “tornado um lugar de comércio”,³⁰ mas nenhuma distinção é feita entre mercadores ricos e pobres. A repetição do evangelho nada tem de extravagante e a indignação do narrador se justifica, além dos motivos religiosos, pelo fato de ser um policial do templo. Em *A relíquia*, esse elemento padrão da história bíblica sofre um desdobramento interessante em si, mas confuso no contexto do sonho do seu narrador, que entra em diálogo com um velho, expulso do lugar próximo ao templo onde ele vendia pedras semi-preciosas. Seria Jesus o “Rabi de Galiléia cheio de cólera”, o causador da miséria desse homem honesto, ou, como pretende Teodorico, o “coração divino”, “melhor amigo dos pobres?”³¹ O vendedor conta a sua história, em que Jesus persegue os camelôs do templo (mas não os comerciantes mais prósperos com os seus lugares pagos) e um dos guardas tenta defender a subsistência dos mercadores mas cede à raiva do Rabi. O homem explica que ele é um sujeito puro, religioso e, na medida do possível, generoso: ele termina o seu discurso com a observação que “Jeová é grande, e sabe ... Mas eu fui expulso pelo Rabi, somente porque sou pobre”.³² A reação de Teodorico espanta: bate no peito, “desesperado”, sente “angústia ... por Jesus ignorar esta desgraça, que ... suas mãos misericordiosas tinham involuntariamente criado” e dá uma quantia considerável ao velho para pagar “a dívida de Jesus”.³³ Sendo ateu quase-convicto, o narrador não tem motivo para se indignar com o comércio no templo, e sendo avaro, ele não costuma sentir compaixão pelos pobres: essa pieguice não combina em nada com a natureza do verdadeiro Teodorico. O episódio funcionaria melhor se o narrador fosse Eliziel, seguidor de Jesus, comprometido com a pureza do templo e com a visão social do seu mestre e capaz de se

²⁹ QUEIRÓS, 2003, p. 244.

³⁰ QUEIRÓS, 1997, p. 1438.

³¹ QUEIRÓS, 2003, p. 223.

³² QUEIRÓS, 2003, p. 225.

³³ QUEIRÓS, 2003, p. 225.

arrepender do seu “ódio” ao descobrir que ele tinha sido duro demais ao julgar os comerciantes. O guarda piedoso, que seria colega de Eliziel, se chama Menahem, mas o velho pobre não tem nome: até isso sugere que esse trecho seja parte originalmente de “*A morte de Jesus*”, incorporada muito imperfeitamente na composição de *A relíquia*.

A apresentação da figura de Jesus é, sem fazer trocadilhos, um ponto crucial na comparação de *A relíquia* com “*A morte de Jesus*”: tanto nas descrições oferecidas pelos respectivos narradores quanto nas suas próprias falas, ele aparece de forma muito parecida nas duas novelas. Falando com Eliziel, Jesus renuncia ao papel de revolucionário político e religioso proposto pelo narrador com a explicação que “essas coisas pequenas não me pertencem: são do mundo” e recebe em resposta a pergunta: “mas a que vieste então? – E tu quem dizes que és, te pergunto eu agora?”³⁴ Em *A relíquia*, no seu julgamento perante Pilatos, Jesus renuncia ao papel de agitador do qual é acusado, dizendo as suas primeiras palavras na novela: “O meu reino não é daqui! ... o meu reino não é deste mundo!”. A isso, o romano faz a pergunta, “Dizes então que és rei... E que vens tu fazer aqui?”³⁵ Apesar dos contextos inteiramente diferentes, continuam iguais tanto o discurso de Jesus quanto a perplexidade dos seus interlocutores. Esse efeito de distanciamento entre o galiléu e o seu mundo é destacado também em outros momentos. Para Eliziel, ele tinha “uma abstração, uma transcendente serenidade. Os olhos cheios de infinito ... pareciam olhar dum lugar inacessível”.³⁶ No seu julgamento, o narrador de *A relíquia* o descreve como “tão imperturbado e quedo, como se já não pertencesse à terra”.³⁷

Em geral, os dois narradores descrevem Jesus sempre com esse mesmo lirismo romântico. Eliziel conta que o tinha visto “com os seus primeiros amigos, já possuído da idéia do seu Deus, ... chamando os que encontrava para que o amassem, acariciando os fracos, e dando-se a si e ao Deus interior que o habitava em alimento às almas infelizes”,³⁸ bem parecido com o “moço de Galiléia que, cheio de um grande sonho, desce da sua verde aldeia para transfigurar todo

³⁴ QUEIRÓS, 1997, p. 1467.

³⁵ QUEIRÓS, 2003, p. 211.

³⁶ QUEIRÓS, 1997, p. 1451.

³⁷ QUEIRÓS, 2003, p. 211.

³⁸ QUEIRÓS, 1997, p. 1446.

um mundo e renovar todo um céu”,³⁹ como descrito pelo pseudo-Teodorico. No seu aspecto físico, Jesus é apresentado de modo igual nas duas obras, tanto nos traços finos do rosto quanto na profundidade dos seus olhos, mas a qualidade e o efeito da sua voz merece um destaque especial. “A voz do mestre era doce, untuosa”,⁴⁰ conta Eliziel, dizendo que “a sua voz poderosa e serena, a justiça das suas palavras deixaram-me numa vaga e imprevista perturbação como quando se olha para o céu, que se supõe escuro, e de repente se vê uma estrela imortalmente luminosa”.⁴¹ Em *A Reliquia*, o seu defensor, o essênio Gad, faz a mesma ligação entre a voz de Jesus e a luz, dizendo que “quando ele falava era como se corresse uma fonte de leite em terra de fome e segura: até a luz parecia um bem maior!”.⁴²

Não pode haver dúvida da unidade desses dois retratos de Jesus, nem da sua providência no período romântico e socialista do autor. Eça de Queirós começou a sua reação contra o romantismo lírico já na década de 1870, com a conferência do Casino sobre a Nova Literatura, mas parece ter superado o socialismo proudhoniano somente na década de 1880, durante a crise em que ele abandonou o seu realismo-naturalismo programático. Um dos elementos que mais fortemente liga “A morte de Jesus” àquele momento da carreira do seu autor é o seu socialismo sentimental, tão impróprio ao verdadeiro Teodorico. O narrador repete – sem ironia – a fala de Gad, dizendo que “o Rabi pregava o desprezo dos bens terrestres, a ternura pelos que são pobres, a incomparável beleza do reino de Deus”: Teodorico se rego pela cobiça e esquece do seu primo Xavier quando ele está pobre e morrendo, e a única “incomparável beleza” que ele entende é aquela dos “braços gordinhos” da inglesa Mary⁴³ e dos “seios duros e brancos” da escocesa Ruby.⁴⁴ Mais tarde, com Jesus já secando na cruz, o narrador o descreve como “o justo que, ... cheio do amor dos homens, proclame o reino da igualdade”.⁴⁵ Teodorico é cheio somente do amor das mulheres, o seu reino seria o privilégio de gozar dos “contos de G. Godinho”, de “Paris” e das

³⁹ QUEIRÓS, 2003, p. 212.

⁴⁰ QUEIRÓS, 1997, p. 1447.

⁴¹ QUEIRÓS, 1997, p. 1440.

⁴² QUEIRÓS, 2003, p. 196.

⁴³ QUEIRÓS, 2003, p. 285.

⁴⁴ QUEIRÓS, 2003, p. 146.

⁴⁵ QUEIRÓS, 2003, p. 256.

“mulherinhas”, e a sua única justiça seria a “justiça filosófica” de “correr ao oratório, apagar as luzes, desfolhar os ramos, abandonar os santos à escuridão e ao bolor”.⁴⁶ (Vale ressaltar que, para um escritor trabalhando na Inglaterra, o próprio nome “Godinho” não pode deixar de ter um toque irônico de “Deusinho”.) Infelizmente, o narrador do terceiro capítulo de *A Reliquia*, o pseudo-Teodorico, repete por inteiro a ideologia melada de Eliziel, que fala de um “sonho ideal, o mais belo, o mais doce, o mais acima da terra que até hoje tem feito o homem”,⁴⁷ de “distribuir as riquezas pelos pobres”,⁴⁸ de um evangelho em que “o dinheiro é considerado um fardo” e “o rico é considerado o inimigo”.⁴⁹

Depois das várias versões de *O crime de Padre Amaro*, é lastimável não ter o resultado de um retrabalho comparável da obra prima de Teodorico Raposo. Carlos Reis nota que Eça de Queirós quase sempre reescreveu as suas obras para reedição, calculando que “das obras esgotadas e reeditadas em vida do escritor ... só *A Reliquia* escapa a esta dinâmica de revisão de textos superados ... e seria interessante saber porquê”.⁵⁰ A construção dessa posição de destaque é, porém, artificial: pode-se igualmente dizer que, com a reedição de *O mandarim* em 1880, Eça de Queirós deixou definitivamente de reescrever obras já publicadas para a sua segunda edição. Notando que o escritor se casou em 1886, a situação pode ser conceituada assim: uma vez casado, Eça de Queirós não alterou mais as suas obras já publicadas. Lembrando que a composição de *A Reliquia* e de *Os Maias* estava bastante adiantada na época do casamento e que, como afirma o açoriano, “o último Eça é um escritor que não publica nenhum livro, desde 1888 até 1900”,⁵¹ a formulação chega ao seguinte ponto: depois do seu casamento em fevereiro de 1886, Eça de Queirós somente publicou obras já quase prontas naquela data, não publicando nenhuma das obras desenvolvidas posteriormente, nem reescrevendo para reedição obras já publicadas.

Visto assim, o ponto de destaque não é *A Reliquia*, mas o casamento. João Gaspar Simões sugere que Eça “nunca conheceu os

⁴⁶ QUEIRÓS, 2003, p. 283.

⁴⁷ QUEIRÓS, 1997, p. 1450.

⁴⁸ QUEIRÓS, 1997, p. 1446.

⁴⁹ QUEIRÓS, 1997, p. 1448.

⁵⁰ REIS, Carlos. *Estudos queiroianos*. Lisboa: Presença, 1999. p. 180.

⁵¹ REIS, 1999. p. 159.

benefícios de uma casa sua nem o carinho afetuoso de uma mulher portas adentro do lar”, mas também opina que “o meio Resende, rico de tradições, esmaga-o”.⁵² É fútil especular se a mudança nos hábitos do escritor veio por causa ou de uma felicidade ou de uma frustração do homem: não é demais, portanto, ligar o surgimento do último Eça às mudanças da sua vida matrimonial. Menos que um mês depois da sua publicação em livro, o autor reconheceu as falhas de tom do terceiro capítulo de *A relíquia* e os defeitos profundos na sua estrutura e composição: ele também teria que reconhecer a enormidade do trabalho necessitado para superar esses problemas. Se, como sugere Alexander Coleman, “Emília de Resende odiava *A relíquia*”,⁵³ não é de surpreender que o seu marido não tenha embarcado nessa tarefa.

Referências

- BLOOM, Harold. *Genius*. New York: Warner, 2002.
- COLEMAN, Alexander. *Eça de Queirós and European realism*. New York: New York University Press, 1980.
- Novo Testamento*. Embu: Ave-Maria, 1998.
- REIS, Carlos. *Estudos queirosianos*. Lisboa: Presença, 1999.
- ROSA, Alberto Machado da. *Eça, discípulo de Machado?* Lisboa: Presença, 1964.
- QUEIRÓS, José Maria de Eça de. *Correspondência*. Porto: Livraria Chardron, 1925.
- QUEIRÓS, José Maria de Eça de. “A morte de Jesus” In: _____. *Obras completas*, Volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 1436-1470.
- QUEIRÓS, José Maria de Eça de. *A relíquia*. Com apresentação e notas de Fernando Marcílio L. Couto. Cotia: Ateliê, 2003.
- SIMÕES, João Gaspar. *Eça de Queirós, a obra e o homem*. Lisboa: Arcádia, 1981.
- WYLEN, Stephen M. *The Jews in the time of Jesus, an introduction*. New York: Paulist Press, 1996.

⁵² SIMÕES, João Gaspar. *Eça de Queirós, a obra e o homem*. Lisboa: Arcádia, 1981. p. 77.

⁵³ COLEMAN, 1980. p. 181. No original: “Emília de Resende despised *The Relic*”.